

CAMPO GRANDE, A VILA POPULAR E A CULTURA PARAGUAIA CONTADA POR SEUS MORADORES

Lindomar José Bois - UCDB

Introdução

O Paraguai, república presidencialista, situada no centro-sul da América do Sul e que faz fronteira com Argentina, Bolívia, Brasil, possui uma área de 406.752 km² e uma população de 5,6 milhões de habitantes (censo demográfico, 2001), cuja composição étnica predomina euroameríndios, 95%. Sua moeda é chamada de guarani.

A região platina tinha como um dos seus ocupantes os índios guaranis quando iniciou a colonização espanhola. Na formação do povo paraguaio predomina este elemento, pois na época da chegada dos europeus à América “eles ocupavam um vasto território entre a bacia do Paraná e do Paraguai. Lingüisticamente, a família destaca-se entre outra, na América do Sul, pela expressiva distribuição espacial [...]”¹.

Sobre a origem do povo guarani há indícios de “que se hajam fixado primitivamente nas Antilhas e de lá se deslocado para outras regiões da América do Sul”², dentre elas o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Na América, os Guarani são conhecidos por vários nomes: Chiriguanas, Guaraíós, Apiacais, Parentins, Onambis e outros.

A migração parece fazer parte da vida do guarani e, como tal, esta herança também ficou registrada na cultura paraguaia, que se faz presente, hoje, em várias regiões do continente americano, principalmente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

A formação do povo paraguaio surgiu da esperteza do europeu em se aproveitar da cultura guarani referente ao casamento: o *cunhadio*.

“Entre os Karios (sub-grupo étnico guarani), havia o costume de, no casamento, os irmãos homens da noiva prestarem serviços ao marido. Os Karios eram polígamos, quanto mais esposas maiores eram as disponibilidades econômicas do marido, pois, além dos trabalhos executados pelos cunhados, eram as esposas que cuidavam da agricultura [...]”³.

A instabilidade causada na Espanha devido às mudanças na política e economia européia levará os setores ligados ao comércio a buscar o rompimento com o sistema colonial.

“Os administradores de Assunção declaram, no entanto, em 1810, a sua neutralidade frente às insurreições de Buenos Aires e, à margem delas, instituíram, em 1811, uma junta diretiva que assumiu a condução política do povo e desencadeou o processo da independência do Paraguai”.⁴

Em 1814, o Paraguai deixa de ser governado pela Junta Diretiva e passa a ser dirigido por José Gaspar Rodríguez Francia, governo marcado pela austeridade, simplicidade e patriarcalismo.

O sucessor de Francia é Carlos Antônio Lopes, primeiro presidente constitucional do país. Assume o governo do país e dá início a uma nova era para a república do Paraguai. Ao contrário da política isolacionista de Francia, cria, sobre a estrutura socio-econômica deixada por “El Supremo”, o Paraguai moderno com fábricas, estaleiros, engenheiros e técnicos europeus.

Com a morte de Carlos Antônio Lopes em 10 de setembro de 1862 assume o governo do Paraguai seu filho, Francisco Solano Lopes e se dispõe a continuar a obra iniciada por Francia e aperfeiçoada pelo pai.

Iniciativas que caminhavam para a produção dos principais frutos no novo governo, mas que a guerra da Tríplice Aliança incubada há muitos anos obriga o Paraguai à luta desproporcional. Ao término desta, temos o país arrasado, resultando em um dos primeiros motivos para que muitos, do povo guarani, deixem sua terra de origem e migrem a outras regiões do continente americano, tais como Argentina, Uruguai, Brasil e até mesmo para outros locais fora do continente.

Campo Grande e a migração paraguaia

Migrantes são homens e mulheres que se deslocam ou mudam de uma localidade para outra onde buscam residir e trabalhar. Como assinala Nascimento, ela se faz

necessária em determinado tempo e espaço. “A mobilidade humana não é um mal. É uma alternativa a que o homem pode recorrer, quando encontra sérios obstáculos que lhe dificultam a satisfação de suas necessidades fundamentais, quando dificultam as possibilidades de vida e de desenvolvimento como pessoa humana, de participação na sociedade a que pertence e se sente marginalizado”⁵.

A corrida para ambientes de baixa densidade demográfica ou que venha a apresentar uma condição digna de vida torna a migração um fato natural no processo de transformação social. Dentre outras causas de forte relevância pode ser destacado os motivos políticos, como guerras civis e externas, ditaduras militares aliadas às crises políticas e econômicas destes países empobrecidos.

A imigração de paraguaios em Mato Grosso do Sul, mais especificamente em Campo Grande, além da posição fronteiriça, está associada aos fatos políticos, econômicos e sociais. Como assinala Linhares: “Pode-se atribuir tal fato à crise econômica e política que se desencadeou no Paraguai após a guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), além Guerra do Chaco Boreal nos anos de 30, a Guerra Civil de 1947 e a instalação da ditadura do governo Stroessner em 1954 que permaneceu no poder por 35 anos e governou o país com “mãos de ferro” até a década de 1980 quando uma série de lideranças políticas retorna ao Paraguai e juntamente com organizações da sociedade civil, exigiam a instalação de eleições livres e de um governo democrático. Os últimos acontecimentos da política paraguaia, como a tentativa de golpe em 1996 contra o governo de Wasmosy e o assassinato do vice-presidente Luís Argaña em 1999, demonstram a fragilidade das instituições democráticas deste país”.⁶

Todos estes fatos fizeram da população paraguaia ser, segundo o censo de 1991, a população estrangeira de maior número de habitantes no estado de Mato Grosso do Sul, com aproximadamente 46,5 %.

Campo Grande é reconhecidamente uma cidade como muitos outros centros urbanos brasileiros, que não fugiu à característica da formação multi-étnica, consolidou em

sua formação a curiosa mistura de elementos europeus, africanos, asiáticos e índios, e culturalmente soube integrá-los como outras cidades o fizeram.

Foi em 1872, que o mineiro José Antônio Pereira chegou ao local onde se situa a cidade, após ficar sabendo, que aqui havia campos grandes e cerrados “desabitados”. Em 26 de agosto de 1899, o Arraial de Santo Antônio foi elevado à categoria de vila.

Em 11 de outubro de 1977, com criação do Estado de Mato Grosso do Sul, pela Lei complementar nº 31, Campo Grande é elevada a condição de capital do Estado. Localizada próxima aos Campos de Vacaria, região centro-sul do estado, a Cidade Morena, é assim chamada pela poeira avermelhada na época do inverno.

A posição estratégica, o clima e a terra possibilitaram a Campo Grande surgir como centro econômico antes de se tornar capital, desviando para a região a economia, antes voltada para o eixo Corumbá-Cuiabá e despertando interesse de muitos, principalmente mineiros que seguindo o exemplo de seu conterrâneo (José Antônio Pereira), aqui se achegam, agora atraídos pelas notícias do desenvolvimento do município, ficando conhecidos como mudanceiros. Além dos mineiros, outra presença de destaque são os paraguaios.

Com a chegada da Estrada de Ferro em 1914 e transferência da Circunscrição Militar de Corumbá para Campo Grande em 1921, acelera o crescimento populacional e desenvolvimento econômico da capital.

Isso fica claro com o censo demográfico de 1920 em a cidade possuía uma população de 21.360 habitantes, destes, 1.948 são estrangeiros. Vinte anos depois conta com 49.629 habitantes, sendo 3.511 pessoas estrangeiras, 7,1% da população “morena”. Entre estes imigrantes, árabes, paraguaios e bolivianos são o maior grupo somando 1.810 pessoas”.

Essa população, composta de vários povos, formou a cultura campo-grandense. A cultura mineira trazida pelos colonos ao longo do tempo foi sendo esquecida e a população passa assimilar aspectos de outras culturas, dentre estas, a paraguaia. Assim é comum hoje ver na cidade a venda e o consumo maior de chipa, do que de pão de queijo.

Estes presentes no Estado e na cidade de Campo Grande, desempenhavam funções diferenciadas; entre outras eram agricultores, marceneiros, ervateiros, artesãos, comerciantes, jogadores e com seus costumes para cá trazidos influenciaram na cultura campo-grandense, fato que pode ser facilmente percebido no prato típico, na festa e devoção religiosa, na música, dança e pelo local onde grande número de paraguaios e seus descendentes escolheram para residir.

O local da Vila Popular teve seu desmembramento aprovado em 02 de fevereiro de 1963, para formar o loteamento Nova Campo Grande e a Companhia Imobiliária Oeste do Brasil (CIMOBRÁS), que pertencia a Laucídio Martins Coelho e Filhos ficou responsável de lotear a área de 646 hectares. Foi dividida em doze blocos, sendo onze residenciais e um industrial.

De 1968 à 1977 foram construídas 198 casas, com seis modelos diferentes. O restante dos lotes foram vendidos a terceiros sem construção.

No bloco dois, a CIMOBRÁS construiu casas em alvenaria; já no bloco onze, a partir de 1966, a Companhia Imobiliária, construiu casas feitas de madeira, chamadas populares. Assim o bloco onze, registrado como Nova Campo Grande II, teve seu nome alterado pela população e passou a ser chamado de “Vila Popular”.

A “Vila Popular” tem uma população estimada em oito mil pessoas, sendo a maioria composta por paraguaios ou descendentes.

As lembranças de quando chegaram ao local ficaram na memória dos moradores, como de D. Joana: “só tinha formiga, [...] é aquela formiguinha. É formiga, aquela que tem muita cabeça [...]” e de Sônia: “[...] quando chovia era tudo brejo”, parecem fazer parte de um bairro inexistente. Hoje a “Vila Popular” conta com uma boa infra-estrutura, quando comparado a outros bairros da cidade.⁷

Ela possui pavimentação asfáltica, água encanada, energia elétrica, telefone, um centro de saúde, uma escola, centro comunitário, posto policial, creche, clube de mães, um campo e uma quadra de futebol, mercados, lojas, bares e lanchonetes. É sede da paróquia

Nossa Senhora das Graças, também possui muitas outras igrejas evangélicas e pentecostais.

Toda essa infra-estrutura não foi adquirida ao acaso, mas sim pelo empenho da comunidade através das associações existentes no bairro e de seus líderes que não mediram esforços para trazer benefícios. Como afirma D. Alexandrina: “vieram o pessoal pegá nós pra ser alguma coisa na Associação de Moradores [...]. Junto com seu Manoel (presidente), o Cassimiro era vice e eu era presidente do Clube das Mães, que foi que a gente trouxe a energia, a água né, e também o asfalto. Junto com o Daniel foi o asfalto [...]. Aí trouxemo o CEMA. Foi o trabalho deles junto com o Clube das mães né, [...]”⁸.

O hábito alimentar é outra marca da cultura paraguaia presente entre os residentes do bairro Popular, como afirma D. Apresentação: “sobre a comida sempre aquele puchero, aquele locro, sopa paraguaia [...]. Nós aqui... a nossa comida não muda muito não, a gente come muita comida paraguaia.”⁹

O povo paraguaio é muito religioso e isso fica claro na festa dedicada a Nossa Senhora de Caacupé celebrada dia oito de dezembro, foi trazida da cultura paraguaia. A devoção à Mãe de Jesus, é uma festa popular e expressa em sua gênese a religiosidade do paraguaio, como explica Pe. Teodoro: “[...] um índio, conta a história, sendo perseguidos pelos *encomiendeiros*, isso quer dizer as encomendas dos espanhóis pede proteção e aparece uma Senhora que o livra dos *encomiendeiros*. Ele se sente protegido por essa mulher e com uma história de fé muito bonita, ele esculpe aquela imagem num pé de erva-mate. Aí vem a palavra caacupé, significa atrás da erva-mate.”¹⁰

Algo que marca a festa a Caacupé é a dança da galopa e os promesseiros. É uma antiga tradição da cultura paraguaia. A galopeira lembra as mulheres que dançam ao redor do altar de Nossa Senhora apresentando a dança própria da cultura paraguaia, onde vestem o vestido com cores próprias: azul, vermelho e branco - as cores da bandeira do país - também são usados colares, fitas e uma garrafa enfeitada e com flores na cabeça.

Os promesseiros são as pessoas que vem dos vários bairros de Campo Grande ou de outras cidades para fazer orações ou pagar promessas pelas graças recebidas, lembrando as promesseiras que iam ao Santuário de Caacupé.

A migração dos paraguaios fez difundir vários tipos de dança como: a polca, a guarânia, o chamamé e a galopa.

É comum ouvir dos residentes na “Vila Popular” afirmações como a do Sr. Adriano: “Tenho um filho que gosta da música paraguaia, dessa Margarida Román, na segunda, quarta e sexta, então a noite começa *siempre* às oito horas... então eu sempre curto essa rádio e sempre domingo nós reunimos aqui e escutam Alcides Bernal que fala guarani, também esse é nosso costume aqui.”¹¹

As afirmações não só remetem ao valor da música para os paraguaios como também a sua influência no rádio e na tevê em Campo Grande. Mesmo não tendo um programa na mídia direcionado aos paraguaios, eles parecem ter assimilado os que têm um caráter ou ritmo semelhante ao de sua cultura, como é o caso do programa ***Ñe é ngatu***, na rádio FM Educativa, apresentado pela paraguaia Margarida Román, segundo ela, o programa é direcionado à cultura nativa.

Apesar de estarem em terras brasileiras, os pratos usuais da cozinha paraguaia sempre se fazem presentes na mesa dos moradores da “Vila Popular”. O pucheiro é feito a base de carne bovina cozida com legumes variados, folhas de couve, banana da terra e muito caldo. A sopa paraguaia é uma espécie de bolo salgado feito com fubá, óleo, queijos, cebola, leite ou água e assado no forno.

A chipa é feita de polvilho e queijo. De ingredientes parecidos com o pão-de-queijo trazidos pelos mineiros, esta parece ter conquistado os moradores da cidade.

A bebida popular paraguaia é o tereré, que começou a ser utilizado no pantanal com fins medicinais e para filtrar a água salobra encontrada na região na época da estiagem.

É comum encontrarmos em padarias, nas ruas ou nos terminais de transbordo da cidade pessoas vendendo a chipa, a sopa paraguaia. Eles também são produzidos e

consumidos nos lares. O puchero, especialmente no inverno, é servido nas festas, em casas particulares ou associações de bairro e igrejas.

Outra importante marca da cultura paraguaia em Campo Grande é Associação Colônia Paraguaia, no bairro Pioneiros. A Colônia é um meio do povo paraguaio manter suas manifestações culturais, religiosas e não-religiosas.

A cidade tem um grande significado para os migrantes paraguaios que está muito bem expresso na frase que é comum ser falada por eles: *já veyá có temtam ambuêpe nhou baapo já ya caru* (Somos felizes nesta terra do outro lado, trabalhamos e nos alimentamos).

Os paraguaios juntaram-se aos mineiros, gaúchos, paulistas, paranaenses, baianos, gente de todos os rincões do Brasil e de outros países como: japoneses, italianos, árabes, portugueses, pessoas que migraram para a construção de uma vida melhor e acabaram construindo a cidade.

¹ MARTINS, Gilson Rofolfo. **A Cultura Guarani na Formação da Sociedade Paraguaia**. In: **ARCA – Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS**. Nº 04. Campo Grande: Sergraph 1993. p. 4.

² SILVA, José de Melo. **Fronteiras Guaranis: A Trajetória da Nação Cuja Cultura Dominou a Fronteira Brasil – Paraguai**. Campo Grande: Gibim, 2003. p. 30.

³ MARTINS, Gilson Rofolfo. **A Cultura Guarani na Formação da Sociedade Paraguaia**. In: **ARCA – Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS**. Nº 04. Campo Grande: Sergraph 1993. p. 9.

⁴ SCHALLENBERGER, Clair T. A.; SCHALLENBERGER, Erneldo. **Paraguai: Coração da América do Sul**. In: **Revista Mundo Jovem: Um Jornal de Idéias**. Ano XL, Nº 331. Porto Alegre: EPECÊ, 2002. p. 10.

⁵ NASCIMENTO, Andréia Barbosa do. **Migrante da Fumaça: O Profissional do Carvão**. Campo Grande, Everest, 1999. p. 30.

⁶ LINHARES, Gladis. **Mídia e Etnia: A Visibilidade dos Grupos Étnicos na Televisão Sul-mato-grossense**. UNIDERP- Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Campo Grande: s.n., 2001. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br>> Acesso em: 20/09/2004 – Às 17: 36h.

⁷ ENTREVISTA: **Joana Pavão Franco**. Produção: Lindomar José Bóis. Campo Grande: UFMS/CEUA, 2004. 1 fita cassete (60min. aprox.), estéreo.

⁸ ENTREVISTA: **Alexandrina Meireles Peralta**. Produção: Lindomar José Bóis. Campo Grande: UFMS/CEUA, 2004. 1 fita cassete (200min. aprox.), estéreo.

⁹ ENTREVISTA: **Apresentação Ortis Vera**. Produção: Lindomar José Bóis. Campo Grande: UFMS/CEUA, 2004. 1 fita cassete (60min. aprox.), estéreo.

¹⁰ ENTREVISTA: **Teodoro Benites. Produção**. Lindomar José Bóis. Campo Grande: UFMS/CEUA, 2004. 1 fita cassete (120min. aprox.), estéreo.

¹¹ ENTREVISTA: **Adriano Vera**. Produção: Lindomar José Bóis. Campo Grande: UFMS/CEUA, 2004. 1 fita cassete (60min. aprox.), estéreo.